

APROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

BRASIL

As relações luso-brasileiras, têm nos últimos anos caminhado num sentido progressivo de entendimento que, não pode deixar de nos impressionar.

Os laços de fraterna amizade, apertaram-se mais com as visitas dos Ilustres Presidentes da grande nação sul americana.

Ainda perduram na nossa mente as saudações amigas do Dr. Café Filho e, já outro varão, ilustre brasileiro, o Dr. Juscelino de Oliveira, pisa solo português em grata e muito penhorante visita de amizade.

Os nossos corações estão presos ao Brasil por indestrutíveis cadeias que, se entrelaçam nos elos da história. Homens, factos, cultura, interesses políticos económicos ou sociais.

Tudo nos aproxima, tudo nos coloca perante o Mundo na posição invejável de mútua compreensão, ajuda e amizade.

Saudemos na hora solene da sua investidura o novo Presidente do Estados Unidos do Brasil a pátria de Gilberto Freyre, Ruy Barbosa, Plínio e Catulo, a terra amada, que anda no coração de todos os portugueses e na boca de toda a gente, quer em cantigas mimosas do seu rico folclore, quer nos trechos e poemas dos seus maiores escritores e poetas.

Saudemos o Brasil! Saudemos Portugal!

Divagando sobre

Toponímia

pelo Prof. José Manuel Landeiro

Embora Montijo esteja em activo e sensível progresso, no que diz respeito a abertura de artérias, não tem, por enquanto, necessidade de incluir, na nomenclatura das suas futuras ruas e avenidas nomes estranhos aos dos seus filhos e dos seus amigos.

Montijo (e seu Concelho) foi berço de homens ilustres e tem tido amigos que bem merecem ser apontados à posteridade, colocando os seus nomes nessas novas artérias que, com a primitiva toponímia da antiga Aldeia Galega, continuarão a história monográfica desta bem-fadada e antiga vila ribatejana, se bem que oficialmente a temos de classificar como estremenha.

Em apoio da nossa afirmação, vamos aqui publicar uma relação de nomes de montijenses e os de algumas pessoas a quem Montijo muito ficou a dever e que já há muito se lhe devia ter feito justa e pública consagração:

Francisco da Silva (antigo Presidente da Câmara e um dos grandes impulsionadores do ramal do C. de Ferro do Montijo); Joaquim Serra (Poeta e jornalista); Professor Caleiro (educador de muitas gerações monti-

(Continua na página 4)

Veja na página 6 algumas notícias sobre a 2.ª fase do Concurso de Prognósticos

CORTIÇA PORTUGUESA

nos Estados Unidos

Portugal continuará, permanentemente, a ser o maior fornecedor de cortiça dos Estados Unidos — assim foi declarado, á «United Press» por peritos do Governo e da industria. Prevê-se, contudo, que a cortiça portuguesa tenha de enfrentar a concorrência de produtos de substituição da industria americana.

Na opinião dos peritos o ano corrente será deveras favorável à importação de cortiça tendo em vista o progresso crescente da construção civil, da industria automóvel e da industria de bebidas.

Segundo as mesmas individualidades, o programa encetado nos Estados Unidos por certos industriais, no decurso da ultima guerra com o objectivo de encorajar a plantação de sobreiros não teve ainda qualquer significado comercial e está longe da possibilidade de representar uma fonte de abastecimento importante.

Será desta vez ? ...

Chega-nos a alegre notícia (sem confirmação oficial) que está prestes a ser aprovado na Direcção Geral de Urbanização, o projecto para a construção da nova Praça de Touros do Montijo.

Falta o superior parecer do Senhor Director Geral e o Despacho de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Obras Públicas.

Não queremos deitar foguetes antes da festa, mas também não desejamos calar o conhecimento deste facto, não só porque urge fazer constar a boa nova para satisfação de todos os afeiçoados, como é oportuno, a confirmar-se a aprovação, iniciar uma campanha tendente a angariar mais fundos para a realização efectiva deste empreendimento.

A Comissão Pró-Praça de Touros, a que felizmente não falta o apoio da Mesa da Santa Casa da Misericórdia e das entidades oficiais da nossa terra, tem agora toda a vantagem em acelerar a marcha dos acontecimentos, fazendo incidir as atenções

gerais para esta realização.

A conseguir-se para breve a solução burocrática do problema que desde 1952 aflige a nossa «aficion», porque não havemos de todos com uma só vontade, por de pé corajosamente este sonho, no mais curto espaço de tempo?

E se fosse possível termos a Praça de Touros nas Festas de 56?

Utopias?

Não!

Crónicas Inquietas - 16

Quentes e Boas!

por Alvaro Valente

Não há como percorrer a Vida, para aprendermos.

Nem escolas primárias, nem liceus, nem institutos, nem universidades!

Aqui, nas ruas que trilhamos, nos factos que investigamos, nos contactos individuais, é que recebemos cada lição que vale por dez páginas de Sócrates e cinco de Marco Aurélio!

Ora coloquemo-nos ao pé do «homem das castanhas assadas» e montemos o nosso posto de observação:

— Quentes e boas! Estão quentinhas! Estão mesmo a escaldar!

O estabelecimento é tudo quanto há de mais modesto e de mais simples. Uma caranguejola de madeira, com um metro e quarta se tanto, duas rodas de «pinto calçado», e dos varais de bonecos, — destes varais que servem para o proprietário poder levar a loja para casa, a horas mortas, quando o negócio fraqueja e a chuva e as neblinas geladas arrastam os fregueses ao seio da familia, em busca das bra-seiras reconfortantes.

Fazem-me lembrar os pescadores da Costa Basca que, no regresso da faina marítima, viram os barcos de quilha ao ar e se metem debaixo deles para os transportar até o barracão de resguardo...

Agora, o estabelecimento analisado: o fogareiro de folha e barro, o depósito do carvão, o quadrado para o sal, o repartimento das castanhas, — da matéria prima —, o assador das sacudidelas, e o prego do abano.

E pronto.

Porque não havemos nós de fazer em meses o que outros conseguiram em dias?

Já pensaram bem, os montijenses, o que serão as nossas Festas, com a inclusão do mais vibrante e colorido espectáculo do Ribatejo — As touradas?

Pois mostrem agora, os filhos desta terra, o seu bairrismo e aquilo de que são capazes.

— Quentes e boas! Estão quentinhas! Estão mesmo a escaldar!

Também tem segredos, este negócio...

O segredo principal está no azulado das castanhas. Quanto mais azuladas, mais tentadoras.

E a disposição também influi, também atrai.

É preciso expor a mercadoria com certa arte e muita estética. Em camadas, empilhadas como brinquedos de pimpolhos, costas para cima, guelas abertas do «auto de fé», até parecem jóias caras dispostas num mostruário de ourivesaria!

A distância respeitável, vamos observando a «fita» que se desenrola:

Lá vêm dos mercados as pobres donas de casa, na lamúria do costume:

— Está tudo pela hora da morte, sr.ª Gertrudes! Carapaus a doze mel réis o quilo! Duas cinoiros, dez tostões! Um chouriço de sangue, quatro mel réis! Como é que a gente se há-de governar, como?

E logo a sr.ª Gertrudes:

(Continua na página 4)

As Festas Populares de S. Pedro

Realizam-se este ano



De 27 de Junho a 3 de Julho



Laços de Familia

VIDA
PROFISSIONAL

Medicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ª e 6.ª feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felizbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 45
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — Setúbal

Tendo V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114

MONTIJO

Montijo dia a dia

VIDA
MUNICIPAL

As Festas de S. Pedro Festa da Rádio

Vamos dentro do nosso espírito construtivo a notar a existência de algumas lacunas e ao mesmo tempo tentar também dar-lhes o remédio, de resto é o que a própria Comissão pretende.

Tomamos como primeira, a Exposição das actividades industriais e comerciais da nossa terra que muito valorizariam as festas e mostrava aos visitantes o nosso poder na economia da nação.

De louvar a iniciativa do Ateneu com a amostra que nos deu dessas actividades, mas mais não podia fazer, já por carência económica já por esbarrar com certa apatia nesses mesmos sectores. Estamos convencidos que todos eles, comércio e indústria, darão o seu concurso, se lhes pedirem e se, porque não confessá-lo, houver quem trate de tudo!

Ora é para isto que pretendemos chamar a atenção, porque quer aproveitando as ideias sempre louváveis dos simpáticos rapazes do Ateneu, quer mesmo com uma subcomissão para tal nomeada, ao assunto tem de ser dado maior apoio aliviando a Comissão de Festas, assoberbada com outros problemas, e dando-lhes portanto uma maior amplitude.

Para tal bastará que, ou a referida Comissão ou a Câmara Municipal, que tem tido um carinho desvelado pelas suas festas, inclua no orçamento a construção dum Grande Pavilhão Stand, despesa a efectuar uma só vez, que, colocado num sítio bem visível (e há tantos na nossa terra e no perimetro das nossas festas) pudesse ser nele incorporadas todas as actividades que temos a mostrar, quer seja cortiça, produtos porcinos, cerâmica, salina etc, a par das demonstrações da actividade comercial da nossa terra.

Fazemos justiça ao povo da nossa terra que efectuada a chamada nestas condições não faltaria, porque todos sem excepção, naturais ou não, têm dado provas inequívocas do amor que lhe dedicam e o muito que querem às suas Festas Populares.

Independente desse concurso, haveria também a esperar o das entidades oficiais ou oficializadas que solicitadas ocorrem. Como demonstração, abaixo damos algumas passagens, que com a devida vénia, respigámos do Boletim da Junta Nacional da Cortiça num artigo sobre as Feiras-Exposições de Extremoz e Santarém:

«Primeiro em Extremoz, depois em Santarém, realizaram-se Feiras-Exposições englobando actividades agrícolas, pecuárias e industriais das respectivas regiões. Em ambas se fez representar a Junta Nacional da Cortiça, dado o interesse do sobreiro na eco-

nomia das zonas incluídas nos certames etc.»

E após o noticiário da inauguração das Exposições a que assistiram diversos Ministros o Boletim diz: «A grandiosidade do certame, a afluência extraordinária de expositores quer industriais quer criadores de gado, a desusada concorrência do público, confirmaram exuberantemente o valor económico do Ribatejo» e mais adiante: «Encerradas as exposições conclui-se não terem sido em vão os esforços dispendidos com a presença da Junta. O número de visitantes e o interesse por eles largamente patenteado demonstram, mais uma vez, quão úteis e oportunas são estas manifestações e o valor que elas na realidade têm como instrumentos de informação de um sector da população cuja vida decorre normalmente restringida ao labor dos campos e que, raramente distraídos do seu trabalho, absorvem com avidéz as indicações claras e objectivas características das exposições».

Verifica-se assim, pelo que atrás fica escrito que o interesse por estas exposições, não se limita às localidades, mas transcende às esferas superiores, e daí o não ser difícil a nossa terra deitar mãos à obra para mais um número que valorizará as nossas Festas. Basta para isso endereçar o pedido de colaboração aos Grêmios do Comércio e da Lavoura e a todas as outras entidades interessadas na propaganda e difusão das suas actividades.

Mãos à obra pois por mais um cartaz de propaganda para Montijo.

José Estêvão

Estradas de Montijo

O ano de 1956, começou sobre os melhores auspícios, só no que diz respeito a estradas em mau estado, de que o Montijo estava amplamente servido.

A primeira fase do arranjo da Estrada Nacional que liga Montijo a Pegões que segundo sabemos, compreende o troço Montijo Kilvas, está em plena fase de reparação. O mesmo podemos dizer da estrada que faz a ligação Montijo, Pínhal Novo, Volta da Pedra, em virtude de, a mesma se encontrar também em plena fase de reparação.

As populações de Montijo e Setúbal, devem exultar

com o facto, porquanto como é óbvio viram satisfeitos os desejos a que tinham todo o direito. Infelizmente não podemos dizer o mesmo da estrada que liga Montijo, Rio Frio, Póceirão a Águas de Moura, pois continua na mesma. O não arranjo desta estrada traz bastantes prejuízos principalmente à indústria corticeira, dado que a maior parte da cortiça laborada em todas as fábricas de Montijo, é transportada por aquela estrada. Nesta conformidade e porque somos daqueles que acreditam no adágio popular: saber esperar é uma virtude, aguardemos com paciência que chegue a vez desta estrada, agradecendo a todas as entidades a boa vontade demonstrada, na reparação daquelas, pedindo e logo que haja oportunidade, o arranjo desta última.

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RÍCINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

José Teodósio da Silva

(Herdade)

Fábrica fundada em 1906 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

8-Rua Formosa 8-Telef. 026904
Montijo

Sob a presidência do Sr. José da Silva Leite, realizou-se na 3.ª feira passada a reunião normal da Câmara a que assistiram todos os Srs. Vereadores e o Sr. Vice Presidente.

Foram tratados os seguintes assuntos:

Deliberações

— A Câmara tomou conhecimento de que a adjudicação da obra de reparação da Estrada do Alto de Estanqueiro á Atalaia, ao empreiteiro Manuel Alexandrino, foi sancionada pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.

— Foi aprovada a estiva camarária respeitante ao ano findo,

— Foi deliberado aceitar propostas para a venda dos lixos produzidos no ano corrente, visto ter ficado deserto o concurso anterior.

— Igualmente foi deliberado aceitar propostas para a venda das peles dos cães abatidos no canil municipal durante o ano de 1956.

— Também a Câmara deliberou vender quatro muires, por não serem necessárias ao serviço.

Obras e Licenças

— Foram aprovados; depois de ouvido o respectivo parecer da Secção Técnica, os seguintes projectos:

— Soberana Corticeira; João Dias Parreira e José Nunes Caiado.

— Foi reprovado o projecto apresentado por Francisco Rosa Beatriz.

— Foram concedidas licenças de utilização a: Simão Vieira da Rocha e Augusto António Coelho, ambos de Montijo; Caetano Jacinto e Alfredo Magro, de Canha; Fernando José Pego e Etelvino Desidério, de Pegões-Cruzamento.

— Foram confirmados os embargos a: José Mousinho Dias Pontes e Francisco Benito & Cª, Lda. de Montijo.

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Antiga loja do Silva Alfaiate
DE

J. C. Figueiredo Diniz

FANQUEIRO
RETROZEIRO
CAMISARIA
FATOS FEITOS

SEMPRE NOVIDADES

Rua Joaquim d'Almeida, 1-3
Rua Machado Santos, 2-4
Telef. 026221-MONTIJO

Toponímia

(Continuação da primeira página)

jenses); José de Sousa Rama (Autor da Monografia de Aldeia Galega «Coisas da Nossa Terra»); P. Manuel Frederico Ribeiro da Costa (Antigo Capelão do Santuário da Atalaia e monografista do mesmo Santuário); D. Nuno Alves Pereira (Fundador da Misericórdia em 1571 e seu primeiro provedor); José Maria dos Santos (Abastado proprietário e amigo do Montijo); Dr. Ferreira de Mira (Professor catedrático e escritor); P. Pedro Felício Ferreira Tobias (Autodidata em agricultura e ciências económicas); D. Nuno Alves Pereira (montijense — bispo de Angra — Séc. XVI); Frei Francisco de Santa Maria (Autor do Tombo do «Espital» de Aldeia Galega — Séc. XVII); Frei Inácio de Santo Agostinho (Autor do Tombo da Misericórdia e seu Provedor); Conselheiro Fernando de Sousa (o grande impulsionador da construção do Ramal de Montijo — Pinhal Novo); António de Gama Mendonça (Benfeitor — Provedor da Misericórdia 1591); D. Antónia da Silva (Benfeitora — Provedora da Misericórdia durante 23 anos); Rodrigo Marques (Benfeitor da Misericórdia e Cavaleiro da Casa de El-Rei — Sec. XVII); Dr. Rui Lopes da Rocha (antigo médico do Montijo, Benfeitor da Misericórdia); D. Ana Soares (Benfeitora da Misericórdia — Séc. XVII); Tristão Ribeiro da Cunha (idem); D. António Jorge de Melo (idem); D. Fernão Teles de Menezes (Conde do Maranhão) (idem); D. Francisco Botelho — Conde de S. Miguel — idem em cujo palácio D. João IV concedeu o seu primeiro beija-mão e reuniu o seu primeiro Conselho de Estado); D. Rodrigo da Cunha Saldanha — (Chantre da Sé de Lisboa); D. António Carcome Figueiroa (Capitão — mor de Aldeia Galega); D. Raimundo — Duque de Aveiro — (Benfeitor da Misericórdia); Nuno Alves Pereira (Duque do Cadaval, Senhor dos Coutos de Paradela e benfeitor da Misericórdia Séc. XVII); D. Miguel Corado Pessanha (Consultor Geral das Ordens Militares); Barão do Castelo de Paiva (Benfeitor do Hospital, Séc. XIX); D. Margarida Teresa de Semedo (Benfeitora da Misericórdia Séc. XVIII); D. João I (Outorgou diversos privilégios a Aldeia Galega); D. Manuel I (Concedeu foral a Aldeia Galega em 15-3-1514); D. Sebastião (Por carta régia de 1571 concedeu autorização para a fábrica da Igreja privativa da Misericórdia); Padre Beirão (fundador do Colégio do Hospício de N.ª S.ª da Conceição — Séc. XIX); Francisco Freire Caria Júnior (Antigo Presidente da Câmara, onde prestou relevantes serviços a Montijo); Dr. António Virgolino dos Santos Oliveira (Advogado e

Administrador do Concelho — Séc. XIX); Francisco Vidal Pinheiro (Músico e poeta — Séc. XIX); Engenheiro Alfredo Batista Borges (Autor do «Subsídios para o estudo monográfico do concelho de Aldeia Galega do Ribatejo — População, Natureza e Trabalho Agrícola).

E porque motivo se não deve dar a uma das ruas do Montijo o nome da centenária «Sociedade Filarmónica 1.ª de Dezembro», que, através de cem anos tem sido uma grande propagandista do Montijo?

É ficava igualmente muito bem o nome do grande mestre da sua filarmónica, Baltazar Manuel Valente.

Com esta relação não pretendemos afirmar que esteja completa. Não, pois deve haver ainda muitas falhas. Aos montijenses pertence completá-las.

Vivemos aqui apenas há cinco anos e o que aqui fica; é apenas uma achega que deve ser completada por aqueles que conhecem a história montijense. Restamos apenas afirmar, repetimos, não ser necessário recorrer-se, por enquanto, a nomes estranhos à comunidade montijense e seus amigos para se baptizarem as artérias ou arruamentos desta vila.

P. S. — Na relação atrás mencionada não nos referimos a qualquer vivente. Muitos destes há que têm trabalhado denodamente pelo progresso do Montijo. Os vindouros os contemplarão com justiça devida.

José Manuel Landeiro

Cronicas Irrequietas - 16

Quentes e Boas!

(Continuação da primeira página)

— E a carne? Quem é que lhe pode chegar?

E logo o «homem das castanhas assadas»:

— Estão a escaldar! Estão a escaldar!

Lá vêm as meninas «bem», olheirentas, pensamentos postos nos vários uniformes, a serigaitar como quem leva muito que fazer:

— Ele disse-me que vai hoje ao cinema e que me paga o bilhete... Mas que bom!

— O meu nunca paga nada. É um forreta...

— E ontem à noite disse-me que gostou muito de me ver com o vestido *grand*...

— Isso também o meu me disse que o casaco *béje* me fica a matar...

— É tão simpático, o *Jorzel*!

— É tão engraçado, o *Jaquim*!

E logo o «homem das castanhas assadas»:

— Estão quentinhas! Estão quentinhas!

Lá passam depois, no passeio oposto dois esterlicados e engomadinhos, absorvendo a largura da passagem, com ares napoleónicos e dominadores:

— Se a Marília não aceder, volto-me para a Eugénia.

— Volta-te para a que tiver mais *massa*... Faz-me eu. A Conceição falava apenas «duas línguas». Apareceu-me a Luciana que até fala esperando, mandei aquela à fava!

E logo o «homem das castanhas assadas»:

— Quentes e boas! Quentes e boas!

E para completar, ouçamos os comentários do próprio homem:

— O freguês brama contra as podres, «que estão quase todas na mesma», «que poucas se aproveitam»...

E logo o *comerciante*:

— Há muita coisa podre este ano. Basta olhar em volta... Para o ano ainda há-de haver mais!

Depois, chega um velhote de gola virada e pingo no nariz. Olha demoradamente o «mostruário» e não pronuncia palavra.

E logo o «homem das castanhas assadas»:

— Muito frio, an, *ti* Luís? Vá lá umas castanhinhas para aquecer.

E assim que o velhote se afasta, com as castanhas no bolso e a deglutir aos poucos:

— É o pequeno almoço, coitadito! Se não fosse eu, já tinha «esticado»... E com três filhos ricos, que podiam muito bem trazer o pai nas «palminhas»... Mas, qual? Não fazem caso do pobre velho, que vive de esmolas das almas caridosas. Ai, ai, mundo, que vais cada vez a pior!

E logo, como numa apoteose:

Estão a escaldar! Estão a escaldar, ó gentes!

Ora vejam se estas lições não valem por dez páginas de Sócrates e cinco de Marco Aurélio...

Álvaro Valente

Chávenas de café quase amargo

Pelo Dr. Cruz Malpique

Educação e Natureza

Na educação nem tudo pode ser pedagogia de leite e mel. Educar é modelar. E modelar implica, sobre a matéria a modelar, a dedada violenta, para se ajeitar a matéria amorfa a certo ideal estético.

A educação, aqui e além, tem de contrariar certos pendores naturais desviando-os num sentido construtivo, ou aplicando-lhes, até, cortes cerces.

Nem sempre se pode seguir a natureza porque nem sempre esta é anódina.

Por vezes, a educação é anti-natural: rema contra certas heranças naturais.

Educação é construção. E assim como a construção ajeita, pela violência, as matérias-primas a certos paradigmas assim também a educação tem de ser uma vez por outra *contraingnante et contrariante*, como dizem os franceses.

Saber desinteressado

O saber desinteressado aparentemente inútil, no plano da pura investigação da verdade, é de um valor incalculável.

Só espíritos rasteiros não conseguem desligar a investigação científica das aplicações práticas imediatas.

A verdade pela verdade tal deve ser o norte da investigação. Pesquisada a verdade, — as aplicações nela implícitas virão por si e em tempo próprio.

Investigador que se restrinja demasiado aos estreitos horizontes da aplicação utilitária imediata fica sempre diminuído no rendimento das suas pesquisas.

Um excessivo pragmatismo dá, quasi sempre, perspectivas de batráquio ao investigador.

Entulhar o espírito

Enceleirar conhecimentos, à toa, não é estudar, no alto sentido desta palavra.

Por esse processo, entulha-se o espírito, faz-se a *teste bien pleine*.

Em educação o que importa é a inteligente arquitectura das ideias é o trabalho de pensar por conta própria.

O que não for isso é paisagem, é andar sem percorrer verdadeiro caminho, é, como dizem os franceses, «piétiner sur place», marcar eternamente passo no mesmo lugar.

queiro e tantas outras glórias, quando será que eu vejo na porta ou na montra de algum grande estabelecimento uma tabuleta em que se leia: PORTUGUESE SPOKEN?

Waldemar Pinto de Almeida

Do You Speak English?

— Fala Inglês?

Entristece-me ouvir a juventude minha contemporânea pôr em focos seus vastos conhecimentos sobre idiomas estrangeiros.

De súbito, pergunto-lhes se sabem Português.

Abrem-me desmesuradamente os olhos, como se achassem estúpida a minha pergunta, do mesmo modo que me olhariam se lhes dissesse que tinha encontrado a Arca de Noé ou descoberto o moto-contínuo.

Lá acham que o Português é um idioma que se tem mesmo que aprender, porque nasceram em Portugal e se o não soubessem, estariam indecisos sobre o modo como pediriam uma sanduíche.

É isto quase a mesma coisa que andar no Mundo por ver andar os outros.

E eu perguntei há dias a um desses anglo-maniacos:

— Mas... o que conhece de Gramática Portuguesa?

— O que conhece? Mas para quê? Não espero ir para a Academia?

Calculem, que absurdo! Estudar Gramática Portuguesa! Como se isso me

viesses a ser útil na minha vida futura?!... Ainda se fosse gramática Francesa ou Inglesa! Esta sim que é bem fácil e ajudar-me-há a triunfar na vida! O senhor já viu algum anúncio dos muitos que vêm nos jornais diários, pedindo um correspondente que saiba bem o Português? Não, pois claro! Todos pedem é um empregado que redija bem o Francês, o Inglês ou Alemão etc.

E disse-me muito mais coisas de fazerem arrepiar os cabelos.

Hoje considera-se estúpido quem não sabe Inglês, tal como no Século XIX quem não sabia música ou pintura.

— Não fala inglês? — É um inculto — dizem.

E então se procura um emprego...

— Quais são as suas habilitações.

— Sei escrituração comercial, contabilidade, tenho o 5.º ano de desenho de máquinas, etc. etc..

— Fala Inglês ou Francês?

— Muito pouco.

— Então meu caro, tenho imensa pena, mas...

Tudo isto é de lamentar,

At. Tercos - Feitos de 13

Para esse Beethoven da pintura, viver era respirar Beleza, Alegria, Amor...

RUBENS

por JORGE RAMOS

Toda a obra de arte exalta a Vida, a glorifica e a eleva revelando-nos o infinito optimismo que ela pode conceber à nossa alma. O poder criador do artista realiza-se numa manifestação de saudável entusiasmo. Tudo o que o rodeia é espectáculo de luz e cor em perpétuo movimento, atraindo-o e deslumbrando-o. O artista compeço música, pintando telas, escrevendo ou meditando, interpreta a Vida como ela é e não como a falsificam os pobres de espírito, de imaginação e de emotividade — esses para quem a Beleza não é deste mundo. Ama-se mais a Vida quando se lhe compreende os maravilhosos segredos, quando sentimos o que ela nos transmite generosamente: seu conteúdo de Bondade e de Alegria.

O lado fraco da natureza humana despreza a Vida. São as almas vazias, sem anseios, nuas de sonho, estéreis na banalidade quotidiana, vegetando sem comoções profundas, insusceptíveis de entender a linguagem semi-divina do conceito de existência, impotentes para prescudar o sentido heróico de viver, são esses temperamentos inertes, apagados, sem nervos, que a deturpam e a tornam insuportável. Almas assim depressa envelhecem.

O pessimismo nada constrói. Só o Amor permite à Vida uma solução de continuidade. Por isso o artista projecta a sua obra mais além do tempo, exercendo a missão de immortalizar a Beleza, trabalhando para a Eternidade. Sua obra não morre. Passa sobre a barreira onde os outros estacam. É não morre porque traz em si a melhor definição da Vida — a fórmula exacta de a explicar. A inteligência dá-nos a compreensão filosófica da Vida. A sensibilidade oferece-nos todos os

meios de a avaliar como obra de amor.

Os grandes artistas foram, decerto, os que mais apaixonadamente amaram o optimismo jovial e transparente da Natureza, sempre contente e feliz na sobrenatural função de se renovar. E foram também os que melhor souberam viver, afastando com a luz do seu espírito as horas sombrias, refugindo-se da tempestade no abrigo da sua arte. Acodeme à memória a grande tela de Rubens *Os desastres da guerra* no Palácio Pitti, em Florença. Através dessa visão idealizada pelo pincel magistral do discípulo de Tobias Verhegt, Otto Voenius e Adam van Noort, sentimos a grandeza da sua enternecida adoração pela Vida. É a Vida colocada num plano superior batida por uma Primavera de luz. Para esse Beethoven da pintura viver era respirar Beleza, Alegria, Amor, na calma satisfação dum optimismo equilibrado, tão proveitoso como justo. Posso dizer-vos que Rubens foi um grande amoroso da Vida... Toda a sua obra é milagre de harmonia porque espalha uma vida serena propicia à meditação e ao sonho, — atributos indispensáveis para realizar as obras imortedouras.

A correspondência que manteve com Dudley Carleton, em 1618, denuncia o homem de gostos e tendência pacifistas. Na célebre carta a Peiresc, um velho amigo, escrevia: «*Sou um homem de caracter e de gostos pacíficos e resolutamente hostil ds guerras e às querelas*». Reconhecia no Homem o ser predestinado para uma missão superior. A humanidade caminhava para um fim supremo, altitude só alcançável pela tranquilidade da consciência, e pela inteligência iluminada.

O homem diminue-se com as pequenas paixões dos seus interesses mesquinhos. A personalidade humana perde-se nos conflitos tortuosos onde o espírito sobra e a razão se incendia em ódios tão inúteis como fúrias espalhadas ao vento. A vida de Rubens, *grand-seigneur, courtisan, humaniste, diplomate et peintre*, como Paulo Fierens o retrata no «*Estudo sobre Rubens*», é uma admirável lição. Lição de confiança em nós próprios, e em que se presta homenagem aos invioláveis designios da justiça que preside ao destino humano. Lição de optimismo divinizando a Vida, fazendo com que a aceitemos por dádiva duma razão mais forte.

Os biógrafos desse mago da cor — ainda hoje o pintor mais representativo da alma

flamenga — apresentam-nos Rubens à semelhança dum herói medieval — crente na immortalidade da alma, sorrindo sempre diante da ideia da morte, mas para quem a Vida possui uma sedução mais pagã do que mística. Florentin nas páginas de crítica de *Les Marties d'autrefois* escreve acerca de Rubens: «*la vie d'un bont à l'autre est de celles qui font la vie. En tout circonstance, c'est un homme qui honore l'homme*», e Cyriel Verchaeve no «*Flanders Spechtum*» afirma: «*Rubens tem qualquer coisa de imortalmente jôvem, de mitologicamente heróico*».

A religião, a ciência, a filosofia, descobriram o mau estar permanente do universo. Rubens passou por esta fatalidade cósmica, resignado mas sorridente. Enquanto Dante, o Durer da poesia, desce aos infernos, a musa de Rubens ascende ao Olimpo enamorada da nudez de Afrodite. Assim o compreende certamente Suzana Petrel quando nos diz: *La pousie qui emane des ouvres de Rubens ne se situe pas sour le plan du mystere ou de l'irreel, elle est l'essence même de la vie sous ses aspects les plus variés*.

Antologia do conto moderno

O INCOMPREENDIDO

por MIGUEL ALVES

«O homem pode mostrar indiferença pela glória, mas não pode mostrá-la pela honra» — Gerard.

— Você é acusado de imoral! Você não tem personalidade! O passado marcar-lhe-á para sempre, o seu corrupto procedimento. Ei-lo banido da sociedade, que não admite homens sem escrúpulos! Ei-lo vergado ao peso da consciência que, repleta de remorsos das suas impúdicas acções, o atira para o abismo, e o escorraça do meio dos homens que detestam o seu nome e a sua existência! Carlos, perdoe a crueldade das minhas palavras. Sou homem... Imploro justiça. Adeus... Adeus.

Um cavalheiro, idoso, desce as escadas carcomidas da velha habitação de Carlos. Sai, levando para a rua um sorriso, e no pensamento algo que começa a acusá-lo das suas palavras.

Um «pinhão» mais forte de um transeunte fá-lo soerguer o rosto, e encarar a multidão que desfila ao seu lado. Não compreende! Todos sorriem, como a escarrecê-lo! Não teriam ouvido o brado da sua justiça? Não, não ouviram! Não sabiam que havia estado a descarregar, sobre a sua vítima, palavras que levariam à salvação de todos. Mas, não lhes interessava. Que lhes importava a eles que um homem manchasse a sociedade com a sua presença? Possivelmente, eles também se sentiam imorais perante o exame psíquico das suas consciências! Tentou voltar atrás e arrancar, de Carlos, o perdão para as suas palavras e o sossego para os pensamentos que o começavam a torturar.

Mas, de nada servia. Para quê? Para quê o perdão? Ele tentara defender os homens e, à sua saída, todos o repudiavam! Não se dirigiam a ele para perguntar: — Então o homem? Ouviu as suas palavras? Suicidou-se? — Não, nada lhe haviam perguntado! Limitavam-se a sorrir. Suicídio... A esta pergunta, feita a si próprio, respondeu-lhe a consciência! Carlos não podia suicidar-se. Era um gesto de cobardia para aqueles que, há pouco, lhe haviam sorrido! Um novo encontrão atirou-o para fora do passeio onde ficara preso às suas ideias e, num último esforço, pôs-se a andar automaticamente.

Carlos encontra-se caído, com o rosto mergulhado numa mala de papéis. Os seus soluços é o único ruído no meio do silêncio aterrador que paira no estreito cubículo. A um canto, um guarda roupa roído pelo caruncho. Estampada na parede, uma velha fotografia de Rousseau. Sobre uma desageitada mesa, ao lado de uma cama de ferro-velho, uma linda fotografia... Duma linda mulher que sorri impiedosamente! No meio de tudo isto, Carlos, o homem que chora, o homem que era acusado! Ele estava ali, vergado ao peso da sua dor, da sua própria incompreensão! Era um incompreendido! Passara, sim, transes dolorosos na sua vida! O seu passado havia sido pouco proveitoso! Mas tentara reagir. Tentara ele próprio erguer com os seus limitados esforços, algo que seria a sua vida, a explicação devida da sua existência. Tentara mostrar a sua fra-

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

JANEIRO

Dia 14 — 1865 — Nasce o Marechal Gomes da Costa.

Dia 15 — 1432 — Nasce D. Afonso V.

Dia 16 — 1818 — Morre o escritor António Ribeiro dos Santos.

Dia 17 — 1759 — Nasce o Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avelar.

Dia 18 — 1637 — Morre em Estremoz, D. Pedro I.

Dia 19 — 1896 — Regressa a Lisboa a coluna expedicionária do Coronel Galhardo.

Dia 20 — 1554 — Nasce El-Rei D. Sebastião.

Dia 21 — 1828 — Morre o 5.º Marquês de Alegrete.

Cortixa Portuguesa nos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

melhorá-la em virtude das providências tomadas pelo Governo de Portugal para a protecção deste importante elemento da sua economia nacional.

Nesta apreciação também entra em linha de conta a possibilidade de Portugal intensificar a manufactura doméstica de artefactos de cortixa.

Os sobreiros da América do Sul incluindo uma variedade brasileira, que chegaram a ser consideradas como possíveis substitutos na produção de substitutos da cortixa para determinados usos, nunca chegaram a atingir significação comercial.

queza passada, a mesma que o impelia a entrar no caminho da honra e da compreensão. Lutava contra a sua infelicidade, o seu passado! Para ele, apenas o futuro existia, Como uma estrela brilhante, e distante, que guia os homens no meio das tempestades.

Esse futuro apresentava-se-lhe incerto, mas não fora de alcance. Era preciso lutar, e lutava. Mas no seu caminho apenas encontrara recusas aos seus esforços e homens que o julgavam pelo seu passado. Não! Era impossível ir mais além! O mundo não escutava as suas palavras nem acompanhava os seus pensamentos. O mundo não precisa de homens para amanhã, se o não foram ontem. Haviam de nascer formados. Caso contrário, ameaçá-lo-iam, com alicerces fracos construídos de lama, a uma derrocada final.

Carlos, levanta-se lentamente. Olha para tudo que o cerca, fixa o olhar no rosto de Rousseau. Sorri e diz-lhe: — Espera-nos uma derrocada final. O mundo está sobre os teus alicerces. — Sorri mais uma vez, e baixa-se sobre a mala.

Carlos acaba de sair e, na rua, encontra o rodar constante da roda da vida. Mistura-se com ela. Ao fundo, um homem corre atrás do chapéu que o vento lhe levava. Era o homem que acusara Carlos!

Carlos soltou uma gargalhada que o público acompanhava, e ama frase que o Mundo não ouviu: — Fracos alicerces para segurar um chapéu

Os melhores artigos  aos melhores preços

Tudo para Electricidade

Lena — O descanso automático ideal, para ferros eléctricos, 60% de economia.

Fogões eléctricos utilitários — Aos preços mais baratos do mercado. Contratos especiais com os melhores fabricantes.

Candeeiros — Grande scrtido em candeeiros e abat-jours a preços popuiares

Rádios — Representantes exclusivos das grandes marcas «Marelli» e «Aga»

Lampadas baratas - Toda a aparelhagem doméstica - Painelas de pressão
Material eléctrico para instalações

Demonstrações gratuitas em casa dos clientes

Se pensar em comprar, consulte sempre a

SETEL

Damos todas as informações e esclarecimentos sem compromisso para V. Ex.^a

Handwritten signature: Manuel G. Alves de Silva

Sociedade Electrificadora Tejo Lda.

Telefone 026084

MONTIJO

Folhetim de «A Província»

N.º 40

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

O caso é que as cartas de meu pai a essa mulher, foram todas para as mãos de Félix Swinburn. Falto de dinheiro e sem escrúpulos, fez saber que destruiria aquelas cartas nas condições de lhe serem pagas mil libras.

O dinheiro foi-lhe entregue, mas as cartas continuaram nas mãos do velho Swinburn. Roger German estava dentro do assunto. Era o melhor amigo de vosso avô, se bem que bastante mais novo, da idade de meu pai ou pouco mais.

Continuei a escutar avidamente Lucille, contando-me como John Paradene

tinha desposado uma jovem inglesa e como tinha obtido os mais brilhantes sucessos na política. A sua reputação de integridade e de perfeita lealdade era das mais sólidas. Foi nomeado *Cavaleiro*.

Várias vezes recebeu cartas suplicantes de Claudette Melmoth, e dava instruções ao seu advogado para que lhe fosse remetido algum dinheiro.

Depois deixou de receber notícias, e um belo dia teve conhecimento pelos jornais do seu suicídio e como tinha terminado a sua triste história.

Os quotidianos andavam

cheios de histórias escandalosas sobre a vida passada daquela mulher, e sir John Paradene deixava escapar um suspiro de alívio e contentamento, cada vez que verificava escapar aquela perigosa publicidade.

O facto, de ele algumas vezes ter enviado por caridade algum dinheiro a Claudette Melmoth era o suficiente para dar materia á malidicência e a suposições malévolas.

— Mas a história não acabou. Ela estava bem longe de terminar — continuou Lucille — Félix Swinburn estudou de novo as suas velhas cartas roubadas a Claudette Melmoth e viu que havia ali para ele e seu cúmplice uma nova mina a explorar. Roger German, que lhe servia de intermediário ameaçou de as publicar, se não recebesse uma boa quantia para as conservar secretas. Meu pai ficou aterrorizado. Essas cartas, estão presentemente em Falcon Castle,...

a não ser que Roger German as tenha encontrado...

Um longo silêncio se seguiu, e Lucille devia sondar o que se passava no meu espirito, mas continuou com uma voz que a emoção fazia tremer:

— Sim sei o que pensa! É sempre uma tolice ceder aos vigaristas que pretendem fazer chantage, dando-lhes dinheiro. Isso diz o senhor. E é verdade. Bem entendido. Mas a vitima! É uma tentação para ele.

Pagar para que o silêncio se faça, e que tudo fique no esquecimento!

Ela calou-se e suspirou profundamente.

— Mas vou prosseguir — acrescentou com vivacidade — «Mister» Paul era o secretário particular de meu pai há já alguns anos e conhecia toda essa história.

Meu pai viaja neste momento pela América do Sul e quando «Mister» Paul viu no jornal o anuncio da morte de Félix Swinburn, decidiu

contar-me tudo. Ele tinha receio que as cartas fossem cair nas mãos de Roger German. Fui da mesma opinião, e persuadi-o a partir imediatamente para *Falcon Castle*.

Combinámos que diríamos que Félix Swinburn lhe tinha pedido para vir.

A sua ideia era que as cartas deviam estar guardadas no Castelo e esperava poder encontrá-las... como eu própria o esperei depois...

E Roger German está aqui pelo mesmo motivo?

— Sim, julgo que sabeis tudo agora

Se bem que estivesse-mos só, um em frente do outro, na obscuridade daquela cave a face que surgia deante dos meus olhos era sómente a de meu defunto avô: Félix Swinburn.

O resto da noite passou-se num torpor mortal.

(Continua)

